

PONTA GROSSA *antiga*

Desfrutei a meninice
Pouco antes da grande guerra,
Quando reinava na Terra
A paz, fartura e alegria.
Os armazéns exibiam
Produtos do mundo inteiro,
E apenas por um cruzeiro
Bom Moscatel se bebia...

A cidade ia crescendo
Sem jardins nem calçamento,
E quando soprava o vento
Densa poeira circulava.
O casario era baixo,
Contava raros sobrados,
E por cima dos telhados
A passarada chilrava.

A religião era o enlevo
Das famílias princesinas,
Que habitavam as colinas
Dos belos Campos Gerais;
Criando enormes rebanhos,
Vivendo com a natureza,
Possuíam força e nobreza,
Riqueza e fé sem rivais.

Aos domingos, quando o sino
Da ampla Matriz bimbilhava,
O povo se encaminhava
Pra o templo tradicional,
Tangendo os filhos por diante;
As famílias numerosas,
Trajando roupas vistosas,
Levavam "têrço" e manual.

Vivia-se calmamente
Num Brasil bem brasileiro,
Sem o automóvel lampeiro
Nem o cinema malsão;
Futebol não existia,
Mas sobejavam prazeres:
O turfe, o baile e mulheres
Dignas de alta adoração.

O fato mais memorável
Da existência provinciana,
Era a festa de Santa Ana,
Que empolgava a multidão
Com o esplendor das novenas,
Ricos leilões, cavalhadas,
Grandes fogos, alvoradas
E soberba procissão.

Quando Junho despontava
Envolto em brumas e geadas,
As noites eram saudadas
Com foguetes e balões;
Ardiam grandes fogueiras
Nas praças e nas esquinas,
E ouviam-se cavatinas
Ao som de errantes violões

Após os glaciais invernos,
A primavera surgia
Cheia de encanto e alegria,
Como a alvorada do amor.
Noivavam as laranjeiras
Repletas de passarinhos,
Cantando, fazendo ninhos
Pelos pomares em flor.

Sentindo a ardente euforia
Daquela ressurreição,
A mocidade sadia,
Ébria de amor e paixão,
Entoava salmos sublimes
Com piedade e gratidão,
Quer nos templos, quer nos lares,
Ao Autor da Criação.

Outra nota pitoresca
Da cidadela incipiente,
Era o desfile imponente
Das grandes tropas de muars,
Enchendo ruas inteiras
Com seu tropel majestoso,
Qual cortejo belicoso
De legiões peninsulares.

A riqueza paranista
Naqueles tempos distantes,
Que enchia carros gigantes
E caravanas sem fim,
Em busca de Ponta Grossa,
Para ser beneficiada,
Era a erva mate cancheada,
Das matas o galarim...

Todas as casas possuíam
Linda horta de verdura
E um pomar em miniatura,

Com muito pessego e uvas,
Laranjas, peras e ameixas,
Até figos e maçãs;
Oh! Quantas frutas louças
Sazonavam com as chuvas...

Esses mimos da natureza,
Que vão se tornando raros,
Não eram pifios nem caros,
Mas fartamente existia...
A gurisada madraça,
Com certo jeito e amizade,
Comia fruta à vontade,
Porque ninguém as vendia.

Quase todas as famílias
Tinham cavalo à cocheira
E mais a vaca leiteira;
O leite e o queijo abundavam
Nos lares ricos e pobres,
Porque muitos fazendeiros
Liberais e hospitaleiros,
Até vacas emprestavam.

Tal era o genio do povo!
Que vida amena e singela
Desfrutava a cidadela
Tão rica — e sem atavios;
O pano que se vestia,
Era por nós fabricado; (1)
De trigo aqui cultivado
Faziam-se pães sadios.

A Escola era alegre e franca,
Não exigia calçado;
Nem guardia-pó alvejado,
Nem livros todos iguais;

Ao envés dessas "coquetes"
Que vão lá falar de amores,
Tinha graves professores,
Muito esforços e leais.

No belo mês de Dezembro,
Quando o verão abrasava,
A gurisada rumava
Para os poços da Planchinha
E lá aprendia a nadar...
Passava o dia enlevado
Com o amor de uma opulenta
E regressava à tardinha.

Nas longas tardes de outono,
O céu se enchia de estrelas
— Vermelhas, verde-amarelas
Que se afundavam no ar;
Eram nossos "papagaios"
De mil formas diferentes,
Que saudavam sorridentes,
A brisa crepuscular.

Como era bela a existência
Nessa bucólica aldeia,
Que ampla fartura estadeia,
Muita beleza e bons ares
Tudo era simples e honesto
Na pequena sociedade;
Reinava franca amizade,
Muito respeito nos lares.

4-8-53.

(1) Existia uma grande fábrica de tecidos, sita à
rua Ermelino de Leão, e duas malharias...

RIBAS SILVEIRA